

A «Hora do Porto» na «Hora da Europa/Ibéria» (por esta ordem!) e na «Hora da Lusofonia»

Os «10 Mandamentos» ou as «11 Teses» de e sobre o Porto^()*

1.A «Hora do Porto» será a consequência inevitável da «Hora da Europa/Ibéria» (por esta ordem!) e da «Hora da Lusofonia» e nunca haverá quaisquer outras «horas» que interessem, a não ser provinciana, ilusória e contraproducentemente. O publicitado trajecto do «TGV» para Portugal é o perfeito exemplo de como não se entendeu que é pela Europa que podemos chegar à Ibéria e não pela Espanha (Madrid) que temos de chegar à Europa. Neste campo e no que ao «Porto Ibérico» diz respeito, é o conceito e realidade de «Euro-região» (ao lado das «Euro-regiões da Catalunha, do País Basco», etc.) que urge perceber e incrementar.

2.Esquecer Lisboa e o Terreiro do Paço (incuravelmente centralistas e ultrapassados pela História), quer no sentido de não esperar o que quer que seja de Lisboa quer no sentido de não imitá-la, por ex., nas suas eternas e saloias guerras do alecrim e da manjerona. E que nunca mais seja possível e necessário escrever artigos como o da deputada portuense Elisa Ferreira no «Jornal de Notícias» de 20 de Junho 2006: «*Porto, está alguém em casa?*», como se dissesse: «*O Porto ainda existe?*» ou sentenças como a seguinte (Semanário, 15 de Setembro 2006): «... *Aparentemente não há figuras, nem opinião, de relevo nacional, fora de Lisboa*» e que nunca mais se dê azo às toneladas de acusações de «culturicídio» contra o actual Presidente da

Fernando dos Santos Neves
Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias e Presidente do Conselho
Universitário da Universidade Lusófona do Porto
reitoria@ulusofona.pt

^(*) Essencial das conclusões da intervenção do autor na sede do Clube Via Norte. A expressão “10 Mandamentos” remete, obviamente, para a linguagem, mais ética, da *Bíblia*, a expressão “11 Teses”, para a linguagem, mais transformadora, de Marx.

Câmara Municipal do Porto que têm invadido a generalidade dos jornais portugueses.

3. Resolver, positiva e rapidamente, o problema de ser uma grande cidade múltipla (Porto, Gaia, Matosinhos, Maia, Gondomar, etc.), deixando de ser uma cidade pequena (Porto) ao lado daquelas pequenas cidades: Paris poderia servir de exemplo, com a sua grande «Mairie» (Câmara de Paris) e as suas muitas pequenas «mairies» (câmaras de...). Não haverá ninguém capaz de pensar e agir à grande, capaz de pensar e agir à Porto?

4. Olhar para Barcelona, que agora, no recém-aprovado «Estatuto», descobriu que também ela, à semelhança do Porto, é uma «Nação». Alguma vez Barcelona pediu ou esperou alguma coisa de Madrid? O que Barcelona fez e faz democraticamente não é o Porto capaz democraticamente de fazê-lo, no sentido da sua autonomia portuguesa, ibérica, europeia e lusófona?

Também à semelhança do F. C. de Barcelona, o F. C. do Porto é muito mais do que um simples clube desportivo e a sua identificação com a cidade do Porto e a Nação do Norte, desde que entendida de maneira ecuménica, em nada enfraquecerá, antes pelo contrário, a existência de quaisquer outros clubes. E só estúpidos fundamentalismos puritanos têm levado às públicas guerras e guerrilhas entre o «Porto-Cidade» e o «Porto-Clube», que servem apenas para desacreditar os seus autores e diminuir as potencialidades de uma e de outro.

5. «Tornar-se em acto aquilo que é em potência», juntando os famosos conceitos de Píndaro e Aristóteles, a saber, tornar-se efectivamente a Capital de todo o Norte de Portugal (pelo menos até ao rio Mondego) e de todo o Noroeste Peninsular (até à Galiza e alguns arredores); tornar-se plenamente europeu e noroeste-peninsular enquanto lusófono e plenamente lusófono enquanto europeu e noroeste-peninsular; tomar consciência de que a lusofonia «*houve nome*» e nasceu por aqui e de que

em mais nenhum lugar do mundo faz tanto sentido afirmar: «*Minha Pátria é a Língua Portuguesa*» (Fernando Pessoa).

6. Ser «bairrista» à maneira da sua poetisa Sophia de Mello Breyner, («*Porque nasci no Porto, nunca deixei de ser bairrista, mas livreí-me do provincianismo lisboeta*») ou seja, querer ser o maior e o melhor sem nunca deixar de ser o próprio e sem nunca ser dominador ou provinciano (dos provincianismos de isolamento, atraso, hetero-centramento, inveja, sentimento de inferioridade ou qualquer outro).

7. Descobrir todas as suas potencialidades naturais, económicas, culturais, desportivas, etc., globalmente sem paralelo no conjunto português. Em que outro sítio se poderão encontrar lugares, instituições, iniciativas, marcas e personalidades como no Porto e no Norte de Portugal? E que requentada história é essa de «*Portugal, país macrocéfalo*» (já agora, porque não «*monocéfalo*»)? Como poderia permitir o Porto um tal desaforo?

8. Levar os seus «Homens Bons» a tomar, como no passado, medidas emblemáticas, heterodoxas e pioneiras. Por exemplo, porque não fazer com que, a partir de 2007, em toda a região norte, o salário mínimo atinja o mínimo de 500 (quinhentos) euros? Além do mais, isto seria um recado para todas as «boas almas» que pretendem lutar contra a exclusão e a pobreza sem irem ao essencial e seria restituir à Economia o seu verdadeiro estatuto de «Rainha das Ciências Sociais» e acabar definitivamente com a imagem dos «Economistas-Contabilistas» que não diferem dos nossos clássicos merceeiros a não ser pelo uso do computador em vez do velho caderno e respectivo lápis.

9. Tomar a sério e segundo as exigências do século XXI a norma mais democratizadora, mais revolucionária e mais desenvolvimentista de todos os tempos que é a norma da «Educação Universal, Obrigatória e

Gratuita», que agora deverá ter o nível mínimo do designado 1º Ciclo da Declaração de Bolonha (Licenciatura), abertas que foram, finalmente, as portas das universidades a todos os maiores de 23 anos, no que constitui uma verdadeira «revolução cultural copernicana» e constituirá o princípio do fim do nosso «analfabetismo» e o princípio do princípio do nosso «desenvolvimento».

10. Na linha das suas tradições liberais, democráticas e revolucionárias, tornar-se o ex-líbris do 25 de Abril de 1974 e a verdadeira «*Grândola Vila Morena, em que o Povo é quem mais ordena!*» e honrar a memória e as lutas do seu bispo D. António Ferreira Gomes que pretendeu «*desconstantinizar*» a Igreja e a Sociedade portuguesas e propiciar a existência de Religiões livres num Estado livre. E que não se deixe jamais instalar e vingar no Porto a «*atitude persecutória própria da falta de cultura cívica e de tolerância democrática. O Porto, como dizia Garrett, troca os vês pelos bês, mas nunca a liberdade pela servidão...*» (Manuel Carvalho, “Público” de 7 Nov.2006).

11. Até aqui já se fizeram quase todas as retóricas e anti-retóricas imagináveis sobre o Porto; mas o que é preciso é efectivamente transformá-lo na metrópole moderna, desenvolvida e ecuménica como tem de ser a Capital Europeia e Lusófona de todo o Norte de Portugal e de todo o Noroeste Peninsular.